

## **INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS POÉTICOS NO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO: DIFICULDADES E SOLUÇÕES A PARTIR DOS PCNs**

Raimundo Nonato Gomes de Freitas<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo verificar as dificuldades interpretativas dos alunos quanto ao texto poético e as propostas dos PCNs (ao sugerirem atividades pedagógicas interativas), para uma melhor aprendizagem dos alunos. A pesquisa foi feita com alunos do 3º ano do Ensino Médio e trilha pelo que os teóricos abordam sobre o tema. Os resultados mostraram a eficácia das propostas sugeridas pelos PCNs e que os professores devem utilizar para sanar as dificuldades dos alunos quanto a interpretação textual poética. As conclusões obtidas foram através da pesquisa bibliográfica e prática.

**Palavras-chave:** Interpretação, leitura, literatura, poesia.

### **ABSTRACT**

The objective of this work is to verify the interpretative difficulties of students as to poet text and the PCN's offer (when suggest pedagogical interactive activities), to better student's learning. The research was made with the students of the third year of secondary school and go through by the theoretician's approach about the theme. The results shown the suggest's efficacy of PCN's and what directions the teachers shall to follow for solve the student's difficulties about the poet textual interpretation. The conclusions was obtained by the bibliographic and practice research.

**Key-Words:** Interpretation, reading, literature, poetry.

### **MANAUS**

---

<sup>1</sup> Professor na rede pública municipal de Manaus, com Licenciatura Plena em letras/Língua Portuguesa. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa. Especialista em Administração Escolar e Mestrando em Ciências da Educação. Trabalho realizado no curso de graduação em letras pela Escola Superior Batista do Amazonas – ESBAM. E-mail: professorgomespg@gmail.com

## **1 INTRODUÇÃO**

Interpretar um texto poético não é fácil, requer acima de tudo, empenho, estudo teórico e preparação. E a partir desta inquietação e do contato com os PCNs (que dão subsídios para um trabalho mais dinâmico, criativo e eficaz com textos na sala de aula), partimos para a pesquisa teórica em várias bibliografias que abordam sobre este assunto, sempre tendo os PCNs como base.

Após a pesquisa teórica, deu-se início a parte prática onde objetiva-se: Verificar as dificuldades interpretativas dos alunos quanto ao texto poético e as propostas dos PCNs (ao sugerirem atividades pedagógicas interativas), para uma melhor aprendizagem dos alunos.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Metas de Interpretação textual segundo os PCNs**

A partir da implantação da LDB 9394/96, novas e importantes conquistas foram dadas na melhoria do ensino no Brasil. No caso do Ensino Médio, houve uma ampla reforma curricular.

Neste contexto, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs, pensados e elaborados pelo MEC em parceria com diversos setores da sociedade que, de acordo com cada área de ensino, sugerem e orientam as várias maneiras com que os educadores podem direcionar os seus trabalhos como: a seleção de conteúdos, métodos e competências que deverão ser desenvolvidas em cada disciplina e no decorrer do processo educativo.

Neste sentido os PCNs as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura passaram a fazer parte de uma única área de conhecimento: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, já que a linguagem é de natureza transdisciplinar reguladora do meio social e capaz de desenvolver no aluno as suas capacidades cognitivas. Para os PCNs, o texto é a unidade básica para que o educando possa alcançar tais objetivos:

O aluno deve ser considerado com produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constitui como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem é visto como um texto que constrói textos. (PCNs, 2002, p. 139).

Nessa perspectiva, os estudos de gramática da Língua Portuguesa passam a ser para os educadores e educandos uma estratégia para a compreensão, análise, interpretação e produção de textos; tendo a Literatura Brasileira como a principal fonte de leitura. Temos aí uma grande interação e: “A interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa” (PCNs, 2002, p. 139).

Para analisar e interpretar um texto o aluno, deve interagir com os vários contextos em quem ele foi produzido, pois “o texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo portanto, ser objeto também de análise”. (PCNs, 2002, p. 140).

Como vimos, os alunos devem ser instigados à análise e interpretação dos textos lidos dentro e fora do contexto escolar. E essa análise interpretativa não deve ficar presa às palavras expressas no texto, sobretudo, devem-se abrir as várias significações que os alunos podem atribuí-lo, conforme o contexto em quem o texto é lido, analisando e interpretando, levando sempre em consideração que um texto pode estar ligado diretamente a vários outros e o aluno deverá ter essa capacidade de fazer comparações interpretativas.

Outra meta apresentada pelos PCNs, é que, ao final do Ensino Médio, os alunos de Língua Portuguesa possam:

Analisar os recursos expressivos na linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (interação, época, local, interlocutores, participantes da criação e propagação de ideias e escolhas). (PCNs, 2002, p. 142).

Os alunos, como sujeitos, vão constituindo suas análises textuais na interação com os outros textos, onde a linguagem é vista como uma força de interação humana. Numa relação dinâmica, à medida que é produzida pelo uso e dela fazem os sujeitos nas relações sociais, a linguagem constitui também esses sujeitos como tais. É através dela que os sujeitos passam a compreender o mundo, a importância de sua ação no mundo, vão se completando e se construindo pela interlocução.

É interpretando e produzindo textos (orais e escritos) que os alunos se constituem como sujeitos comprometidos com a sua língua, numa articulação de recursos expressivos dessa língua, produzindo novos e cada vez melhores textos. Dessa maneira, a língua vai se transformando num processo interativo, a cada momento histórico, como acontecimentos relacionados ao seu tempo.

Tudo isso, tendo a literatura Brasileira como conteúdo principal (como veremos a seguir), já que, o texto (oral e escrito), de uma maneira geral, é “o ponto de partida e de chegada” de todo o processo de ensino/aprendizagem.

Há muito, os teóricos, gramáticos e linguistas têm tentado encontrar um conceito para o que vem a ser a literatura, e nesse universo de pesquisas, estudos e discussões, muitos significados tem aparecido, é natural, afinal a literatura é extremamente ampla como nos mostra Antonio Cândido:

[...]a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável a sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade... (CÂNDIDO, 1972, p. 53).

Cândido fala do elemento de manipulação técnica, o qual nós entendemos como linguagem literária. É essa linguagem que determina se uma obra é literária ou não. Ela também estabelece sempre, de uma maneira universal, uma ligação com a realidade, pois o escritor, ao escreveu uma obra, baseia-se ou inspira-se na realidade em que está inserido. Isso confirma que a literatura é sempre vinculada à realidade, a não ser pela sua linguagem característica como nos diz Marisa Lajolo:

A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. (LAJOLO, 1993, p. 38)

No entanto, todos concordam quanto a sua importância para a humanidade, digo para a humanidade de uma maneira geral, porque a literatura não está limitada apenas ao meio acadêmico, mas ela está presente em todas as áreas do conhecimento, se assim não fosse, hoje não teríamos registros da nossa própria existência, e o que dizer do progresso da ciência sem os registros literários.

Porque é importante estudar Literatura no Ensino Médio? Sabemos que a Literatura faz parte da vivência humana, e assim sendo, não poderia de forma nenhuma está fora desse contexto escolar, onde o aluno do Ensino Médio deverá complementar os primeiros contatos com a Literatura desde o início de sua vida escolar, ainda que sem ter consciência disso, pois entendemos que a partir do momento em que o homem faz seus primeiros contatos com a escrita, começa aí também seu contato com a Literatura.

Além do mais nada pode mudar o fato de que, mesmo na era da modernidade tecnológica em que vivemos, e dos meios de comunicação em massa, a Literatura continuará desempenhando sua função informativa de símbolo e documento do passado e cotidiano sem deixar de lado o papel formativo, ou seja, o papel pedagógico que sempre a caracterizou.

No Ensino Médio o aluno tem contato com a Literatura de forma mais institucionalizada, de uma forma mais contextualizada historicamente, entendendo que a Literatura está intrinsecamente ligada à história da humanidade. E é através dela que se registra a história de um povo. Essa proximidade do aluno com a Literatura pode trazer intimidade com os livros, com o mundo da leitura, conhecendo algumas obras literárias e não literárias, que dependendo desse primeiro contato, pode

despertar o prazer pela leitura e, conseqüentemente, o aluno leitor desenvolverá também a capacidade de interpretação de textos literários e não literários, fazendo-o compreender cada vez melhor os textos lidos por ele.

Desta forma, podemos concluir que é de fundamental importância, estudar Literatura no Ensino Médio, tanto pelos fatores acima descritos, quanto pelo fato de que isto contribui para a formação de um cidadão-leitor crítico e bem informado, como nos mostra o texto seguinte.

Uma das maiores dificuldades para o aluno que ingressa em um curso de nível superior é o fato de ter que fazer leitura interpretativa, ou seja, fazer interpretação de textos (literários, técnicos, etc.); uma vez que qualquer curso exige uma extensa bibliografia para a aquisição de conhecimentos inerentes a sua profissão. Mesmo os cursos ditos das “áreas de exatas” exigem uma leitura muito extensa.

Ocorre que, a maioria dos alunos, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, não tiveram muito incentivo à leitura. E esse problema é notado com mais evidência quando esses alunos são oriundos de escola pública. Muitas vezes, quando a escola se propõe a fazer esse tipo de trabalho (Incentivo à leitura), o que vemos é a imposição do livro como uma espécie de castigo, ou seja, o aluno é “obrigado” a ler para assim obter nota. Aquilo que deveria ser uma coisa prazerosa, torna-se um fardo na vida escolar do aluno.

É inegável que, “quem lê conhece”, e este conhecimento contribui de uma forma decisiva para a capacidade de interpretação textual do leitor, principalmente quando este é um leitor crítico, ou seja, ele tem a capacidade de compreender criticamente, extraindo das entrelinhas do texto a mensagem mais profunda daquilo que está sendo lido, como diz Paulo Freire: “A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. (FREIRE, 2002, p. 11)

A raiz do problema da falta de hábito de leitura dos alunos provavelmente tem início a partir de uma ruptura no processo de formação do leitor, pois antes dos meios de comunicação de massa existia uma cultura de se buscar o conhecimento por meio da leitura de livros, folhetins, etc. Toda a fonte de conhecimento estava centrada nos livros, ou seja, nos registros feitos por meio da palavra escrita.

Com o advento da cultura massificada (meios de comunicação em massa), criou-se certo comodismo nos leitores em formação e que hoje seriam os difusores do “prazer” pela leitura.

Para um ser que está descobrindo a leitura e conseqüentemente o prazer de ler, é fundamental que ele desperte para o conceito de que ler é bom e indispensável para o seu crescimento intelectual e social.

Em fim, tudo isso faz parte do contexto do leitor, que só terá capacidade de entender criticamente o que lê quando for capaz de fazer uma interpretação crítica de qualquer texto, tanto no

meio escolar, quanto nas leituras do cotidiano. Quando este entender que, sua leitura de mundo deve ser necessariamente somada à leitura pedagógica.

Em todo e qualquer ambiente em que nos encontramos, seja ele escolar ou não, vamos sempre nos deparar com a palavra texto. O texto permeia todo o nosso cotidiano, e é através dele que podemos expressar nossa visão de mundo.

“Um texto não é um aglomerado de frases” (PLATÃO e FIORIN, 1990, p.11) ou palavras, mas a relação que estas têm umas com as outras dentro de um contexto. Uma mesma frase ou palavra expressa em um texto pode ter vários significados, dependendo da maneira em que a interpretamos. Sendo assim, para que possamos fazer uma boa leitura interpretativa de um texto, é necessário levarmos em consideração o contexto em que esta foi produzida.

Para Platão e Fiorin contexto é: “Uma unidade linguística maior, onde se encaixa uma unidade linguística menor. Assim, a frase encaixa-se no contexto do parágrafo, o parágrafo encaixa-se no contexto do capítulo, o capítulo se encaixa no contexto da obra toda”. (PLATÃO e FIORIN, 1990, p.12). Mas o que podemos observar é que o contexto nem sempre vem explícito no texto. Compete ao leitor, suscitar essa percepção e buscar a sua análise, para assim poder desvendar todos os pormenores que o autor quer revelar nas entrelinhas do texto, ou seja, de maneira implícita. Fazendo este tipo de análise vamos verificar que um texto, seja ele grande ou pequeno, pode nos trazer diversos significados que vão de acordo com a nossa leitura e interpretação dos mesmos:

Uma boa leitura nunca pode basear-se em fragmentos isolados do texto, já que o significado das partes sempre é determinado pelo contexto dentro do qual se encaixam. Uma boa leitura nunca pode deixar de aprender o pronunciamento contido por trás do texto, já que sempre se produz um texto para marcar posição frente a uma questão qualquer. (PLATÃO e FIORIN, 1990, p. 13-14).

Alfredo Bosi faz uma abordagem mais crítica sobre a interpretação textual. Primeiramente ele deixa de lado a palavra conteúdo e a substitui pela palavra evento. E diz que “evento é todo o acontecer vivido na existência que motiva as operações textuais, nelas penetrando como temporalidade e subjetividade” (BOSI, 1988, p. 463).

Para o autor, quando praticamos o ato da leitura, apenas colhemos o que vem escrito. Já na interpretação é bem diferente, fazemos uma espécie de *escolha* dos vários significados e possibilidades que se movem na questão *crucial* do que o texto realmente quer nos dizer nas entrelinhas.

Sabemos que, se o leitor não for preparado no âmbito da leitura haverá sempre uma grande distância entre o que ele interpreta e o que realmente o texto quer dizer. O leitor assume agora o papel

de intérprete: “O intérprete é por excelência um mediador. Ele trabalha rente ao texto, mas com os olhos postos em um processo formativo relativamente distante da letra” (BOSI, 1998, p. 465).

Em outras palavras, o intérprete seria o leitor ideal, crítico, que sabe decifrar as várias relações do texto com o seu contexto e aberto às várias possibilidades interpretativas da palavra escrita, inclusive a que não foi escrita, explicitamente (mas que quer dizer) no texto; para assim, elaborar o “discurso de compreensão”:

O ato de interpretar, enquanto mediador entre a forma e o evento, não quer submeter a escrita à uma “*explicação*” onipotente da sua gênese, pois essa atitude causalista acaba reduzindo e injustiçando a dinâmica das conotações e das associações que o trabalho formal propicia ao poeta no momento inventivo do fazer literário (BOSI, 1998, p. 466).

É necessário que, ao fazer a leitura e a interpretação do texto, o leitor-intérprete se transporte para o lado do escritor-criador, respeitando o caráter de mobilidade, incerteza, surpresa e até indeterminação que o texto poético-literário apresenta.

A interpretação não pode ser feita de maneira enumerativa, pois se assim a fizermos, não obteremos os resultados almejados, por isso, como diz Bosi: “Se a análise literária é uma leitura de expressão, e não um recorte de segmentos materiais, ela não pode separar-se do trabalho de interpretação”. (BOSI, 1998, p. 470).

O texto poético oferece ao leitor uma grande oportunidade de pensar e exercitar sua carga de informações obtidas no decorrer dos estudos de Língua Portuguesa e Literatura, já que os textos poéticos trazem sempre (explicitamente ou nas entrelinhas) uma carga de informações que conduzem o leitor-intérprete a uma reflexão mais ampla que envolve desde questões existenciais e sentimentais até o posicionamento do sujeito-leitor perante a realidade do seu grupo social, como dos diz Salvatore D’Onofrio:

Um enunciado poético, pela peculiaridade de sua estrutura fônica, rítmica e sintática, sugere várias significações, evocando correspondências entre termos que se tornam presentes na memória do leitor, associando significantes lingüísticos a significados míticos e ideológicos, elevando ao nível da consciência os anseios do subconsciente individual e/ou coletivo. (D’ONOFRIO, 1987, p. 14)

A interpretação compreende o desenvolvimento da capacidade de coordenar conhecimentos de vários sentidos que um texto poético proporciona. O leitor precisa usar as informações a cerca da poesia, como as condições de produção, contexto histórico, as marcas no texto, a análise formal ou estilística (organização dos versos em estrofes, a métrica, o ritmo e a musicalidade marcado pelas rimas, aliterações, etc.) e a análise temática (o assunto tratado; a subjetividade; emoção, imaginação do

poeta, a intertextualidade: muitos diálogos entre os textos, uns influenciam outros ou podem opor-se a outros, apoiar, criticar, etc.).

Analisar um texto literário não quer dizer que estamos dando a ele um significado correto, ou seja, realmente interpretando-o dentro das várias possibilidades e contextos nele existente. Interpretar um texto (seja ele poético ou não) é algo que requer muito esforço e prática e acima de tudo, uma visão crítica de mundo.

Despertar essa visão em nossos educandos é uma tarefa em que o educador deve empenhar-se arduamente, para que os alunos, ao concluírem uma etapa do processo educativo, possam assim interpretá-los interagindo com os textos que surgirão em suas vidas.

Diante de tudo isso, é fundamental que a escola, de uma maneira geral, comece ou aprimore os trabalhos de interpretação de textos poéticos, pois trabalhar esse tipo de texto põe em prática a interação leitor-texto-contexto, e quando isso realmente ocorrer, estaremos começando a formar alunos e cidadãos críticos, como objetivam os PCN's.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa desenvolveu-se primeiramente a partir da observação ao longo do período de Estágio Supervisionado do curso de Letras, em salas de aula do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública da zona norte do município de Manaus, onde observou-se as dificuldades dos alunos em interpretar textos. E essas dificuldades se tornavam mais agravantes quando se trabalhava, especificamente, com textos poéticos (poemas).

Daí partiu-se para uma pesquisa contextualizada em livros e documentos referente ao assunto: A interpretação de textos poéticos, dando ênfase aos PCNs e seus objetivos quanto ao referido assunto.

Dentro dessa abordagem, explicou-se que é de fundamental importância que os alunos do 3º ano Ensino Médio saibam interpretar um texto poético tanto na análise formal ou estilística (organização dos versos em estrofes, a métrica, o ritmo e a musicalidade marcado pelas rimas, aliterações, etc.) quanto na análise temática (o assunto tratado; a subjetividade; emoção, imaginação do poeta, a intertextualidade: muitos diálogos entre os textos), pois se assim o fizerem, estarão pondo em prática a interação leitor-texto-contexto como alunos e cidadãos críticos e estarão preparados para interpretarem quaisquer outros textos que se depararem no dia-a-dia.

Após a pesquisa bibliográfica iniciou-se a parte prática, com o objetivo de verificar a capacidade interpretativa dos alunos ao se depararem com uma análise poética de um texto.

Utilizou-se, primeiramente, uma poesia do Manuel Bandeira (autor do Modernismo), especificamente da obra “A cinza das horas”, já que o Modernismo é a Escola Literária predominante



dos estudos literários do 3º ano do Ensino Médio e que os alunos estavam estudando no momento.

Após a interpretação dos alunos a respeito da poesia dada para a análise, partiu-se para o método indicado pelos PCNs: aulas dinâmicas e interativas, ou seja, aulas práticas em forma de seminários, debates, reflexões, discussões, apresentações e aulas expositivas, para que os alunos pudessem interagir ativa e criticamente no processo de ensino-aprendizagem.

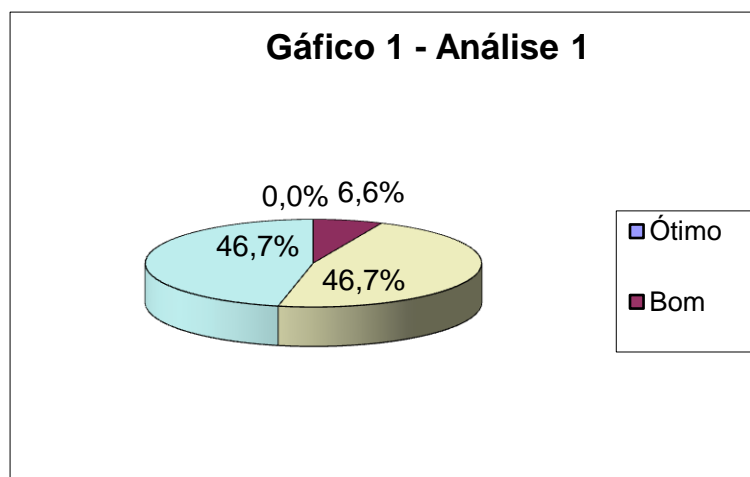
Feitos estes procedimentos, passou-se para outra atividade aos alunos. Eles teriam que analisar formalmente e tematicamente outra poesia de Manuel Bandeira: “O Bicho”. Com isso, objetivou-se verificar se os alunos, após os procedimentos utilizados a partir dos PCNs, haviam progredido ou regredido em suas capacidades interpretativas. Para dar das indicações metodológicas a esta investigação ficou assim caracterizado:

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultados da pesquisa, dividiu-se e relacionou-se os alunos com os seguintes conceitos:

Insuficiente: para os alunos que fugiram totalmente do tema e não conseguiram interpretar o texto de acordo com a proposta da atividade. Regular: para os alunos que se prenderam somente a análise formal. Bom: para os alunos que conseguiram interpretar o texto de acordo com a análise temática. Ótimo: para os que conseguiram fazer tanto a análise formal ou estilística (organização dos versos em estrofes, a métrica, o ritmo e a musicalidade marcada pelas rimas, figuras de linguagem e de pensamento, aliterações, etc.) quanto à análise temática (o assunto tratado; a subjetividade; emoção, imaginação do poeta, contexto histórico, a intertextualidade: muitos diálogos entre os textos).

Primeiramente fez-se a análise do primeiro texto poético (Desencanto) proposto aos alunos, antes da prática das atividades propostas pelos PCNs, onde constatou-se uma grande dificuldade dos alunos em interpretar poesias.



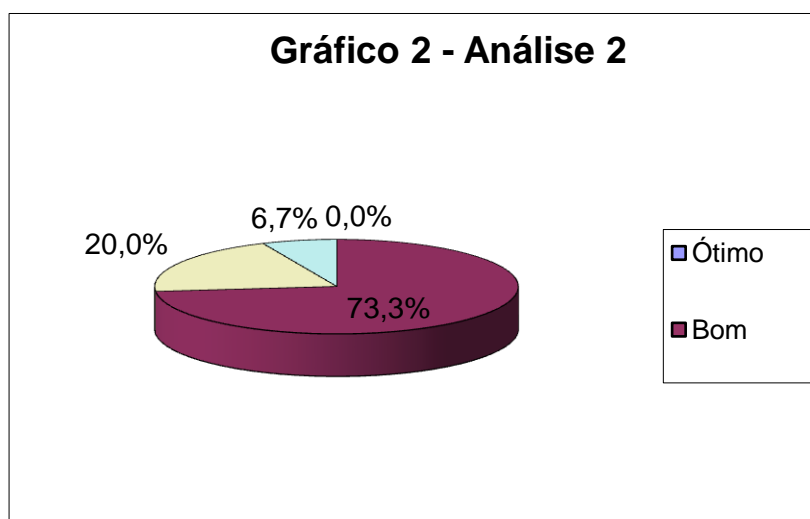
4.1 Gráfico 1: Resultado da primeira interpretação dos alunos sem a aplicação das atividades propostas pelos PCNs.

Do total de 100% dos alunos, 46,7% obtiveram o conceito I (Insuficiente), ou seja, em suas análises fugiram totalmente do tema, pois não desenvolveram nada que se relacionasse com a proposta interpretativa do texto: contexto histórico, tema, assunto características do Modernismo no texto poético proposto.

Outros 46,7% obtiveram o conceito R (Regular), já que em suas análises interpretativas, eles conseguiram abordar somente o tema e o assunto do poema. Os que conseguiram o conceito B (Bom) foram somente 6,6%, pelo fato de suas análises interpretativas estarem em consonância com o tema, assunto e contexto histórico, conforme demonstrado no gráfico 1.

Após a constatação de que os alunos estavam com uma grande dificuldade de interpretação, partiu-se para a parte prática indicada pelos PCNs já relatada anteriormente.

Com a conclusão das atividades práticas, os alunos desenvolveram a análise interpretativa de outro poema, em que se verificou a eficácia das propostas sugeridas pelos PCNs, pois houve uma considerável melhoria dos alunos, posicionando-se de uma maneira mais reflexiva e crítica diante do texto em que podemos constatar com os seguintes resultados:



4.2 Gráfico 2: Resultado da segunda interpretação textual dos alunos após a aplicação das atividades sugeridas pelos PCNs.

Conforme ilustrado na figura 2, constatou-se que 6,7% dos alunos obtiveram conceito I (insuficiente); 20% obtiveram o conceito R (Regular); 73,3% obtiveram o conceito B (Bom) e assim como na primeira análise, nenhum aluno, ou seja, 0% conseguiu alcançar o conceito O (Ótimo).

Como pode ser observado, se compararmos os dois gráficos, houve uma melhora significativa no desempenho interpretativo dos alunos com relação aos métodos sugeridos pelos PCNs e que foram aplicados do decorrer das atividades em sala de aula. Isso só vem a comprovar o quanto os PCNs podem ajudar o professor (mediador) em seu trabalho didático-pedagógico e o quanto os alunos

podem aprender construindo o seu conhecimento e crescerem como cidadãos quando se trabalha de forma dinâmica, diversificada, reflexiva e crítica e, se esse trabalho for contínuo, com certeza, a maioria dos alunos irá alcançar o conceito O (Ótimo).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com esses resultados pode-se verificar o quanto é importante e eficaz o trabalho contínuo com os PCNs e as atividades e sugestões que os mesmos apresentam para o trabalho do professor com os alunos do Ensino Médio, a fim de que estes consigam atingir o ideal que é o conceito O (Ótimo).

Outro aspecto constatado com a pesquisa foi o papel fundamental que o professor desempenha como mediador da aprendizagem dos alunos, ou seja, se o professor não procurar diversificar e interagir o conteúdo e as atividades aplicadas em sala de aula com o mundo (contexto), o objetivo do processo de ensino-aprendizagem, segundo os PCNs, que é fazer com que o aluno possa “pensar e agir criticamente” não será alcançado.

Enfim, o ato de interpretar um texto poético não pode ficar restrito a sua forma, ou seja, a disposição das palavras, dos versos, das rimas, e das estrofes. É necessário ressaltar os signos que compõem essa poesia e seus significados. Interpretar uma poesia é superar o texto escrito e para que isso ocorra deve-se considerar entre vários aspectos o conhecimento e a experiência do leitor que pode ser adquirida através das atividades que o professor elabora ao longo dos estudos e, se esse professor põe em prática as propostas dos PCNs, com certeza ele estará formando para a sociedade e para o mercado de trabalho alunos reflexivos, críticos e comprometidos com mudanças sociais.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. – 20.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOSI, Alfredo. *Céu e inferno: Ensaio de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.

CÂNDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem: Ciência e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto*. v. 1. São Paulo: Ática, 1987.

FIORIM, José Luís; PLATÃO, Francisco Savioli. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática. 1990.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 32. ed.. São Paulo: Cortez, 1996.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 14. ed.. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

PARÂMETROS, Curriculares Nacionais: *ensino médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica*, - Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.